

Bloco Nordeste

Maracatu

O **maracatu de baque virado** ou **maracatu nação** tem origem na cultura popular afrodescendente e acontece no Brasil desde o período colonial para comemorar a coroação dos Reis do Congo, eleitos pelos escravizados. Esses reis eram coroados nas igrejas e depois eram feitos batuques em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos homens negros.

Esse folguedo é típico do estado de Pernambuco, principalmente das cidades de Recife, Olinda e Igarassu e as apresentações acontecem durante o Carnaval. No cordão do maracatu, não há enredo, mas à frente, vão o rei e a rainha, príncipes, embaixadores, dançarinas e indígenas. Todos desfilam ao ritmo dos tambores.

Orientações didáticas

O trabalho com folguedos, cantigas de roda, brincadeiras tradicionais e lendas, entre outras manifestações culturais brasileiras e regionais, tem sido realizado nas escolas de Educação Infantil do país. Tomando como base essas manifestações culturais, é possível organizar uma série de atividades que propõe a divulgação e a manutenção da cultura tradicional brasileira entre as crianças pequenas.

Os ritmos, as canções e os estímulos visuais do **maracatu de baque virado** ou **maracatu nação** podem ser trabalhados tanto com os bebês menores, de até um ano e meio de idade, em média, quanto com as turmas de crianças de dois e três anos de idade. Entre os principais objetivos de se trabalhar com essa manifestação cultural, tão importante para a cultura regional do Nordeste do país, estão os seguintes: incentivar a musicalização, o gosto pela música e pelos ritmos da batida do maracatu; incentivar a expressão corporal, tanto dos bebês menores como das crianças maiores; compartilhar saberes tradicionais com as crianças, conversando com elas sobre as origens do maracatu e de que forma o festejo ocorre nos dias de hoje.

Com os bebês de até um ano e meio de idade é possível realizar uma roda de canto e de apreciação do maracatu nação. Para isso, é importante providenciar a música. Caso o estabelecimento de ensino conte com aparelhos que toquem CD ou outros dispositivos, utilizar algumas dessas sugestões:

- A canção “Maracatu misterioso”, de Antônio Nóbrega (do disco **Madeira que cupim não rói**, Eldorado, 1997.).
- A canção “Nação Pernambuco”, do grupo Maracatu Nação Pernambuco (do disco **Batuque da Nação**, de gravadora independente, 1989.).

Com os bebês sentados ou próximos uns dos outros, em uma roda, tocar a canção escolhida e incentivá-los a prestar atenção nela, em seus ritmos, suas batidas etc. As canções do maracatu, em geral, têm boa aceitação entre bebês e crianças. As crianças podem ser incentivadas a acompanhar a canção com chocalhos ou outros instrumentos simples de percussão (para aquelas que já possuem a habilidade de segurar pequenos objetos) e batendo palminhas (para aquelas que já desenvolveram essa habilidade).

A canção pode ser tocada diversas vezes para que as crianças se acostumem ao ritmo e possam falar brevemente sobre o maracatu nação, sobre o cortejo, os trajes típicos etc. Se possível, levar para a sala ilustrações ou fotos das personagens do cortejo do maracatu nação: porta-estandarte; dama do paço; rei e rainha; vassalo: figuras da corte (príncipes, ministros, embaixadores etc.); damas da corte; yabás; batuqueiros.

Em relação às crianças um pouco maiores, entre dois e três anos de idade, em média, é possível fazer essa roda de canto e de apreciação do maracatu e, posteriormente, realizar com elas um minicordão de maracatu nação. As crianças poderão sugerir um nome para cada grupo de maracatu, desenhar em papelão as coroas para o rei e a rainha que vão à frente e confeccionar enfeites para o restante do cortejo, que vai atrás. Poderão, também, confeccionar uma bandeira com o nome do grupo de maracatu para ser levada pelo porta-estandarte.

Se possível, ensaiar a letra e a melodia dessa música com as crianças. Depois, elas poderão desfilar no minicordão em algum local da escola:

- **Maracatu misterioso**, de Antônio Nóbrega. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=NPpkcmULQnM>. Acesso em: 30 jan. 2018.

Recomendamos também este pequeno documentário:

- **Som da Rua – Maracatu Estrela Brilhante**, de Roberto Berliner, 1997. 3 min. Disponível em: <http://portacurtas.org.br/filme/?name=som_da_rua_maracatu_estrela_brilhante>. Acesso em: 28 jan. 2018.

Para conhecer a história do fundador do grupo Maracatu Nação Pernambuco, visite este *link*:

- **Bernardino José, o idealizador de tudo**. Disponível em: <www.unicap.br/webjornalismo/nobatuque/site/?page_id=54>. Acesso em: 28 jan. 2018.

Frevo

O **frevo** tem origem nos dobrados, no maxixe e na polca. Foi reconhecido como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Surgiu nas ruas do Recife no final do século XIX e começo do século XX. A palavra **frevo** vem de “ferver” e passou a ser sinônimo de efervescência, de agitação. A dança tem passos próprios, soltos, improvisados individualmente.

Seus dançarinos usam uma sombrinha como um elemento indispensável para a coreografia, um símbolo do frevo, a qual auxilia em suas acrobacias. A vestimenta, para os homens, é camiseta mais curta e justa, amarrada na cintura; e calça de algodão, bem justa no corpo, abaixo do joelho. As mulheres usam um *short* ou minissaia. Um dos frevos mais famosos é “Vassourinha”.

Orientações didáticas

Entre os principais objetivos do trabalho com o frevo nesta etapa da Educação Infantil estão os seguintes: apresentar às crianças uma manifestação cultural importante para a região Nordeste; incentivar o gosto pela música, pelas batidas e pelo ritmo do frevo; estimular o desenvolvimento motor; incentivar o gosto pela dança e pelas possibilidades que ela oferece no reconhecimento do próprio corpo e na percepção dos limites de cada um; incentivar a socialização pela dança; estimular o trabalho com artes plásticas.

No trabalho com o frevo, não podemos deixar de lado a tradicional sombrinha que acompanha os passos de dançarinos. Na confecção de sombrinhas é possível desenvolver uma gama de atividades com o objetivo de compartilhar a musicalidade do frevo com as crianças.

Entre os bebês menores, de até um ano e meio, em média, é possível realizar uma pequena oficina de montagem de sombrinhas. Como muitos dos bebês dessa faixa etária ainda apresentam o reflexo de explorar o mundo levando os objetos à boca, recomendamos confeccionar duas ou três sombrinhas, num processo de “montagem coletiva”, em que as crianças possam ver e participar de todas as etapas; porém, sem manipular materiais, pois pode ser perigoso. As sombrinhas podem ser feitas de qualquer tipo de papel; seu cabo pode ser feito com palitos de churrasco (cortar as pontas do palito) ou até mesmo com canudos de plástico. Levar para a sala os moldes já prontos e enfeitar as sombrinhas com fitas de papel-crepom e lantejoulas. Durante a oficina de montagem de sombrinhas com os bebês, reproduzir para eles as canções tradicionais do frevo, como “Vassourinha”.

Para o trabalho com as crianças maiores, entre um ano e meio e três anos de idade, em média, é possível realizar uma oficina de montagem de sombrinhas e, posteriormente, organizar uma oficina de dança. A ideia é repassar às crianças dois passos bem básicos do frevo: os passos chamados **tesoura** e **pontinha de pé**. Entre um ano e meio e dois anos, alguns bebês já se interessam pela imitação e conseguem imitar alguns movimentos simples; por isso, uma pequena oficina de dança tem tudo para ser bem-sucedida, mesmo que as crianças não consigam reproduzir os passos com habilidade. A ideia, inclusive, não é fazer que as crianças se tornem dançarinas, mas, sim, compartilhar com elas os saberes do frevo e estimular o movimento com base nesse ritmo.

Para visualizar os dois passos básicos de frevo citados aqui, recomendamos este vídeo:

- **Aula de frevo.** Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/2015/01/assista-uma-aula-de-frevo-com-criancas-no-recife>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

Capoeira

A **capoeira** nasceu no Brasil, no século XVII, entre os afrodescendentes, porém seu nome é indígena (tupi) e significa “mato ralo”, que seriam as clareiras, lugares onde os escravizados lutavam. Os movimentos e o canto eram acompanhados por tambores. Somente no início do século XX, o berimbau, um dos principais símbolos da capoeira, foi incorporado.

A origem é de um ritual bantu, que seria uma disputa entre rapazes para decidir quem ficaria com uma moça que atingiu a idade de se casar.

A capoeira tem mudado e incorporado movimentos ágeis, complexos e acrobáticos para a apresentação. Atualmente, ela é uma mistura de arte marcial, esporte, cultura popular e música.

Orientações didáticas

Em 2014, a **roda de capoeira** recebeu da Unesco o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Sua prática está disseminada entre diversos setores da população e conhecê-la desde a Educação Infantil traz benefícios às crianças. Os principais objetivos de se trabalhar com a capoeira na Educação Infantil são os seguintes: incentivar o conhecimento a respeito da história da capoeira e de suas músicas e seus movimentos; incentivar a descoberta de novos ritmos ligados à cultura tradicional brasileira; incentivar a musicalização e o reconhecimento de instrumentos musicais diversos; estimular o desenvolvimento motor e a socialização.

Entre os bebês de até um ano e meio de idade, em média, sugerimos que o trabalho com a capoeira tenha como enfoque a musicalização; sobre esse tema, leia o que o professor de capoeira Omri Ferradura Breda diz:

O fazer musical nas aulas de capoeira na Educação Infantil é tradicionalmente iniciado de forma espontânea, despadronizada, baseada na pesquisa sonora improvisada. Posteriormente, segue-se em frente para o ensino de padrões musicais específicos da Capoeira, desenvolvendo conceitos musicais básicos, como intensidade, timbre, altura etc. Como, na tradição africana, o corpo é [...] uma unidade com o fazer musical, sempre ritualizado em sociedade, a capoeira o trabalha simultaneamente ao aprendizado da técnica dos instrumentos musicais, desenvolvendo um pensar músico-corporal que engloba holisticamente as duas dimensões.

BREDA, Omri Ferradura. **A Capoeira como prática pedagógica na Educação Infantil.**

Disponível em:

<<http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/a-capoeira-como-pratica-pedagogica-na-educacao-infantil>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

Desse modo, recomendamos que a musicalização com a capoeira seja realizada entre os bebês menores, tanto com a apreciação de músicas de capoeira tocadas (se possível) em aparelhos de tocar CD ou outros dispositivos, como com a apreciação e o reconhecimento de instrumentos usados nas rodas de capoeira. Se possível, mostrar às crianças um ou mais instrumentos usados tradicionalmente nas rodas de capoeira, como berimbau, pandeiro, atabaque, caxixi, agogô e reco-reco. Deixar que manipulem os instrumentos (atentando-se à segurança), tocando-os e tentando explorar os sons que eles emitem.

Festa junina

As **festas juninas** fazem parte do chamado ciclo junino nordestino e acontecem em homenagem aos santos do mês: Santo Antônio, São João e São Pedro. O forró, xaxado, xote, baião animam os festejos. Os participantes usam roupas típicas coloridas: as mulheres de saias longas com babados, tranças no cabelo e laços de fita, e os homens, calças de retalhos remendados, camisas coloridas e chapéu de palha.

As comidas típicas são canjica, amendoim cozido, bolo de milho, aipim e fubá. As festas costumam ser enfeitadas com bandeirinhas coloridas e acende-se uma fogueira para que possam ser celebrados os casamentos na roça e as quadrilhas.

Embora seja comemorada nos quatro cantos do Brasil, na região Nordeste as festas têm grande expressão. As principais festas da região Nordeste ocorrem em Caruaru-PE e Campina Grande-PB.



Bricolage/Shutterstock.com

Decoração de festa junina.

Capelinha de melão

Capelinha de melão
é de São João.
É de cravo, é de rosa, é de manjerição.
São João está dormindo,
não me ouve não.
Acordai, acordai, acordai, João.

Domínio público.

Pula a fogueira

Pula a fogueira laiá,
Pula a fogueira loiô.
Cuidado para não se queimar.
Olha que a fogueira já queimou o meu amor.

Domínio público.

Cai, cai balão

Cai, cai, balão
Cai, cai, balão
Aqui na minha mão
Não vou lá, não vou lá, não vou lá
Tenho medo de apanhar

Domínio público.

Olha para o céu meu amor

Foi numa noite igual a esta
Que tu me deste o coração
O céu estava assim em festa
Pois era noite de São João

Domínio público.

Orientações didáticas

O trabalho com as **festas juninas** nas escolas de Educação Infantil permite que crianças de todas as faixas etárias conheçam a fundo essa manifestação cultural tão importante para a região Nordeste. Entre os principais objetivos de programar trabalhos com essas festas ao longo do mês de junho, de preferência, estão os seguintes: incentivar o gosto pelas músicas tradicionais cantadas em festas juninas; incentivar o gosto pelos aspectos da cultura tradicional da região onde as crianças vivem; estimular a prática de trabalhos manuais; incentivar a socialização e atitudes de ajuda mútua e cooperação; estimular atividades físicas; incentivar a curiosidade pela história da origem das festas juninas.

Com os bebês menores, de até um ano e meio de idade, em média, é possível programar a elaboração de um grande mural de tecido mostrando imagens das festas juninas e incentivar a musicalização. Já com as crianças maiores, de um ano e meio de idade até três anos, é possível ensaiar passos da dança e montar, efetivamente, uma pequena festa junina no ambiente escolar. Vale lembrar que o mural de tecido e o incentivo à musicalização também são atividades sugeridas para as turmas de crianças maiores.

O trabalho com tecidos constitui algo muito atraente para bebês e crianças de todas as idades; manipular diferentes tipos de tecidos, com diferentes estampas, diferentes texturas e consistências incentiva o trabalho com o tato, a visão e a imaginação. É claro que, para cortar tecidos, as crianças precisarão da ajuda do professor. Por isso, é desejável que as tesouras sem ponta fiquem em um local seguro para que não tenham acesso a elas sem o acompanhamento de um adulto. Se possível, os familiares e os cuidadores das crianças podem colaborar com o trabalho, trazendo, para a escola, tecidos usados que tenham em casa.

Antes de dar início à confecção do mural, pode-se fazer uma brincadeira com os tecidos, deixando que as crianças brinquem com eles. Se possível, fixar varais baixos na sala e permitir que os bebês que já ficam sentados, que já engatinham ou que já tenham desenvolvido a habilidade de andar pendurem os tecidos nos varais. Essa atividade, bem livre, vai fazer que todas as crianças fiquem familiarizadas com os tecidos. Aproveite esses momentos para tocar as canções de festas juninas em um aparelho de tocar CD ou outro dispositivo.

Depois, fazer a base do mural usando isopor, papelão, MDF ou EVA. A ideia é forrar essa base com tecido, prendendo-o com tachinhas nas extremidades, na parte de trás. Depois, combinar com elas que tipo de desenho fará parte do mural: uma fogueira, pessoas dançando, bandeirinhas etc. No caso dos bebês menores, é melhor afixar os elementos prontos no mural, para que eles acompanhem a montagem, auxiliando e cooperando no processo quando possível.

A musicalização pode ser trabalhada nesses momentos de confecção do mural.

Crianças a partir de um ano e meio de idade, em média, até três anos, podem ensaiar alguns passos de dança para executarem com uma música específica; sugerimos o uso da canção “Olha para o céu, meu amor”, na versão cantada por Luiz Gonzaga. Rodar, dar passinhos para o lado, para frente e para trás são movimentos que podem configurar uma espécie de coreografia simples que poderá ser apresentada para os familiares, se desejar.

Literatura de cordel

A **literatura de cordel** foi trazida ao Brasil pelos portugueses na segunda metade do século XIX e é um gênero literário popular do Nordeste. Escrita em papel jornal, no folheto de cordel e na forma de rima ela tem origem em relatos orais. Surgiu mais para ser memorizada e cantada coletivamente do que para ser lida de forma individual.

O nome tem relação com a maneira como os folhetos eram expostos para a venda, pendurados em cordas ou barbantes. Eles são vendidos nas feiras e são fonte de divertimento e informação para a população.

As estrofes mais comuns são as de dez, oito ou seis versos, e os autores, ou cordelistas, que são também cantadores, recitam esses versos de forma cadenciada, acompanhados de viola. Alguns poemas são ilustrados com xilogravuras.

Os temas dos cordéis variam entre narrativas românticas, histórias sobre animais, heróis, cotidiano, política e temas populares.

A filha do pescador

Amon era um pescador
que na Palestina havia
tinha como profissão
a caça e a pescaria
passava a noite no mar
nos montes, parte do dia

Ele era um pescador
pelas onças respeitado
os tigres corriam dele
o lobo torcia a um lado
onde ouviam o grito dele
ficava tudo assombrado

Domínio público.

Orientações didáticas

A literatura de cordel pode proporcionar um trabalho bastante estimulante com bebês e crianças de todas as faixas etárias.

Para realizar esse trabalho e apresentar essa manifestação cultural para as turmas de Educação Infantil, pode-se organizar o contato das crianças com os folhetos da literatura de cordel e realizar rodas de leitura.

Entre os principais objetivos de um trabalho desse tipo, podemos citar: permitir que as crianças conheçam, desde cedo, uma forma de literatura representativa da cultura tradicional e popular da região Nordeste; compartilhar com as crianças diferentes formas de realizar a leitura dessas obras (cantando, com o acompanhamento de um instrumento musical etc.); incentivar a socialização, a concentração e o interesse em ouvir histórias e poesia; proporcionar o contato com exemplares de literatura de cordel.

Seria interessante levar exemplares de literatura de cordel para a escola, para que os bebês e as crianças de todas as faixas etárias possam conhecer as obras, tocá-las e folheá-las. Bebês pequenos, que já possuem a habilidade de pegar pequenos objetos, vão, em geral, desenvolvendo maneiras de folhear livros desde cedo.

Segurar livros, folhear suas páginas e conhecer as ilustrações que fazem parte de cada obra são ações capazes de incentivar, em crianças e bebês, o gosto pelas histórias e pelo ato de ouvi-las. Se possível, montar, com os bebês e as crianças, uma exposição de literatura de cordel em varais, com exemplares diversos.

Recomendamos a leitura do trecho a seguir, sobre o uso da poesia de cordel na Educação Infantil:

O texto poético possui peculiaridades como, por exemplo, levar pessoas a criar e recriar mundos; além de descobrir outros significados para uma palavra. A poesia proporciona musicalidade, desperta a emoção, a criatividade.

No contexto da literatura infantil, ela apresenta-se como um dos primeiros gêneros com que a criança tem contato, levando em conta que a musicalidade e as rimas são trabalhadas desde cedo em parlendas, trava-línguas e cantigas de roda.

CONDE, Érica Pires. O uso da poesia de cordel na Educação Infantil. In: **Diálogos Pertinentes** – Revista Científica de Letras. n. 1, jan./jun. 2013. v. 9, p. 12. Disponível em: <<http://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/viewFile/769/595>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

Xilogravura

A **xilogravura** começou a ser muito utilizada no Nordeste do Brasil a partir do século XIX nas capas de folhetos da literatura de cordel, em rótulos de garrafas e de outros produtos. É uma gravura talhada, na maioria das vezes, em madeira retirada da árvore cajazeira, com canivete ou com facas de cozinha, de onde se obtêm ilustrações.

Acredita-se que a xilogravura popular nordestina tenha sido trazida por missionários portugueses, que ensinaram a técnica aos indígenas que aqui moravam.

Xilogravura com isopor

Material:

- Bandeja de isopor
- Folha de papel A4
- Rolo de pintura pequeno
- Lápis preto
- Tesoura sem ponta
- Tinta guache de uma única cor

Como fazer a xilogravura:

- Recortar as laterais da bandeja e usar somente as partes planas.
- Fazer um desenho utilizando o lápis, forçando-o bastante. É preciso “afundar” o isopor.
- Passar a tinta guache com o rolinho na placa cobrindo bem toda a superfície.
- Virar o isopor na folha de papel A4 e pressionar o papel para que o desenho fique impresso.
- Retirar o isopor para observar o resultado que ficou impresso.

Orientações didáticas

A xilogravura como processo de impressão na produção de desenhos e gravuras é uma atividade muito ligada à literatura de cordel. Por isso, seria interessante desenvolver os trabalhos com a literatura de cordel e com a xilogravura de forma paralela.

O uso do isopor, em substituição à madeira tradicionalmente usada na xilogravura, incentiva os primeiros contatos dos bebês e das crianças de até três anos de idade com as possibilidades de uso de materiais recicláveis nas atividades artísticas.

Entre os objetivos do trabalho com a xilogravura na Educação Infantil, é possível citar os seguintes: desenvolvimento de habilidades motoras (entre as turmas de um ano e meio de idade em diante, que serão incentivadas a produzir as próprias xilogravuras); incentivo à criatividade e ao uso da imaginação; permitir que as crianças percebam que é possível fazer arte com base no uso de materiais do cotidiano, como as bandejas de isopor; incentivar o gosto pelo desenho e incentivar o conhecimento a respeito dessa expressão artística tão importante para a região onde as crianças vivem.

Os bebês menores, de até um ano e meio de idade, por exemplo, ainda exploram as “coisas” do mundo levando-as à boca; desse modo, o mais recomendado é realizar uma pequena oficina de criação de xilogravuras em que eles participarão como observadores atentos, treinando a concentração. O resultado das gravuras, em geral marcadas pelas cores fortes, será um estímulo visual surpreendente para os bebês. Já as crianças maiores de um ano e meio de idade, em média, podem ser incentivadas a produzir as próprias xilogravuras. Porém, é interessante tomar conhecimento a respeito dos tipos de desenho produzidos pelas crianças nas diferentes idades, para que não se criem expectativas (as crianças de dois anos, por exemplo, podem fazer somente alguns traços, e isso para elas já será uma grande tarefa).

Para subsidiar o trabalho, recomendamos a leitura do seguinte texto de Gisele Aparecida Bombonato e Alessandra Corrêa Farago que fala sobre as etapas do desenho infantil, a partir de análise de Marthe Berson:

1 – Estágio Vegetativo Motor (por volta dos dezoito meses): Acontece quando a criança desenha formas circulares (arredondado, convexo ou alongado) sem tirar o lápis do papel, estilo próprio de cada indivíduo. Estas muitas informações que partem do centro são nada mais do que uma simples excitação motora, ou seja, ela rabisca por prazer.

2 – Estágio Representativo (por volta dos dois e três anos de idade): Ao contrário do estágio anterior, neste a criança já torna possível o levantamento do lápis, o aparecimento de formas mais isoladas, ou seja, ela passa do traço contínuo para o descontínuo, tornando seu ritmo mais lento e a tentativa de produzir objetos e comentários verbais do desenho.

3 – Estágio Comunicativo (começa entre os três e quatro anos): Por fim, acontece a imitação da escrita do adulto. Ela tenta se comunicar com outras pessoas através da vontade de escrever, tornando sua escrita fictícia, na qual é parecida com os dentes de uma serra.

BOMBONATO, Giseli Aparecida; FARAGO, Alessandra Corrêa. As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos. In: **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro, São Paulo, 3 (1): 171-195, 2016. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/30042016104546.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

Sopa de fruta-pão

Estas são algumas frutas produzidas e consumidas na região Nordeste:

- **Acerola** – pequeno fruto de cor avermelhada, sua polpa pode ser utilizada na preparação de sucos, sorvetes, vinhos, licores, doces e pastilhas de vitamina C.
- **Cajá** – pequeno fruto de cor amarelada e casca lisa. É comestível fresco, prestando-se a sucos, sorvetes e vitaminas. Sua polpa pode ser encontrada congelada.
- **Caju** – sua parte carnosa (que é um pseudofruto formado pelo pedúnculo) é muito apreciada consumida *in natura* ou na forma de suco (cajuada); sorvete; refrigerante (cajuína); doces em calda, pasta, cristalizados; vinagre; pratos salgados, além de possuir elevado teor de vitamina C. A castanha (fruto), por sua vez, tornou-se especiaria indispensável na culinária nordestina e muito difundida em todo o mundo.
- **Fruta-pão** – apresenta um tamanho semelhante ao coco, com casca áspera de coloração verde, mesmo quando maduro. A polpa branca da fruta-pão pode ser consumida *in natura* como também em pratos doces e salgados.

Sopa de fruta-pão

Ingredientes:

- 500 g de fruta-pão
- 7 xícaras de água
- 2 xícaras de leite fervido
- 1 cebola grande
- Manteiga
- Sal

Modo de fazer:

Picar e refogar a cebola na manteiga. Cortar a fruta-pão em pedaços e refogar. Depois, adicionar a água e o sal. Cozinhar até que a fruta-pão comece a desmanchar. Em seguida, bater o caldo no liquidificador até ficar homogêneo. Adicionar o leite fervido e corrigir o sal se necessário.



Le Do/Shutterstock.com
Fruta-pão.

Orientações didáticas

A culinária é sempre um bom estímulo à curiosidade das crianças, não só em relação ao preparo do alimento como no que diz respeito à degustação. Com essa atividade, pretende-se: resgatar hábitos alimentares saudáveis, que às vezes acabam se perdendo com a migração das famílias para áreas urbanas muito industrializadas; valorizar os alimentos regionais e a cultura alimentar local; desenvolver a observação e a concentração; aprender hábitos de higiene ao manipular os alimentos; estimular o envolvimento e a socialização.

Para que as crianças possam degustar e conhecer as frutas, pode-se propor um lanche coletivo. Essa é uma atividade que os bebês de um ano e meio a três anos podem participar. Só é preciso ter o cuidado com as crianças menores no que se refere à acidez das frutas. É importante selecionar frutas que todos possam comer. Para que isso ocorra, é prudente perguntar aos responsáveis pelas crianças se elas apresentam alguma restrição alimentar em relação a alguma fruta. Depois, propor às crianças a higienização das mãos. Feito isso, pedir a elas que observem as cores, os cheiros e a textura das cascas das frutas. É uma ótima oportunidade para desenvolver as habilidades sensoriais. Depois disso, o professor poderá cortar as frutas e colocá-las em copinhos ou guardanapos para que as crianças possam degustá-las.

Caso haja alguma feira livre próxima ao estabelecimento de ensino, as crianças de três anos podem ser guiadas pelo professor para conhecerem outras frutas, legumes e verduras.

Na atividade culinária de preparação da sopa de fruta-pão, as crianças devem apenas assistir à preparação feita pelo professor, pois é uma atividade que envolve fogo e faca, e não deve ser realizada por crianças muito pequenas. Elas podem auxiliar lavando a fruta-pão e passando a mistura já cozida pela peneira. Podem ajudar também colocando os pratos para sopa ou canecas nos lugares onde irão sentar.

A fruta-pão é rica em vitaminas do complexo B e C, em ferro e outros minerais. Essa experiência culinária com as crianças é uma boa oportunidade de valorizar os alimentos da região e de resgatar hábitos saudáveis de alimentação.

Trem maluco

É interessante notar que as brincadeiras tradicionais, incluindo de roda, continuam a ser passadas de geração em geração na maior parte dos lares brasileiros. O grupo familiar, os parentes mais velhos e os cuidadores incentivam, dessa forma, o gosto das crianças pelas manifestações da cultura popular e regional. É importante notar, também, que na atualidade muitas brincadeiras de roda têm sido realizadas e revividas com bastante sucesso, especialmente nas escolas de Educação Infantil espalhadas pelo Brasil.

Como brincar:

- Como em um trenzinho, com uma criança atrás da outra, elas podem cantar a música e andar mais rápido ou mais devagar.
- Elas podem também cantar a música em uma roda.

O trem maluco

O trem maluco
quando sai de Pernambuco
vai fazendo chique chique
até chegar no Ceará

rebola bola
você diz que dá que dá
você diz que dá na bola
na bola você não dá

rebola o pai
rebola a mãe
rebola a filha
eu também sou da família
também quero rebolar

Domínio público.

Orientações didáticas

Os objetivos principais da brincadeira que utiliza a canção “Trem maluco” são promover a socialização, o conhecimento do próprio corpo, o desenvolvimento motor, o contato físico entre as crianças e o desenvolvimento da percepção sobre o outro. Além disso, com essa brincadeira as crianças são incentivadas a cantar e a movimentar-se, “treinando” a posição em uma fila, e também se preocupar com o movimento do outro e ajudar os colegas a permanecer na posição, quando necessário. É importante levar em conta que essa brincadeira também incentiva a apreciação pela música e ajuda no desenvolvimento musical de bebês e crianças.

No momento de iniciar a brincadeira com as crianças maiores, especialmente com aquelas que têm entre um ano e meio de idade e três anos, organizá-las em uma fila e cantar a canção, pedindo a elas que “andem” juntas, ao mesmo tempo em que devem manter a posição na fila. Uma criança pode se amparar em outra, segurando a cintura de quem está na frente, colocando as mãozinhas no ombro uma da outra etc. Toda essa movimentação certamente vai render momentos agitados e divertidos para elas.

Bebês e crianças menores que ainda não tenham desenvolvido a habilidade de andar podem acompanhar perfeitamente a brincadeira mesmo estando sentadas. Elas podem ser incentivadas a se posicionar em uma roda e a acompanhar o ritmo da canção, com chocalhos ou pandeiros, batendo palminhas (para aquelas que já desenvolveram essa habilidade) ou simplesmente ouvindo e ficando atentas à letra da canção.

Há uma versão da canção “Trem maluco” no disco de Hélio Ziskind intitulado **Trem maluco e outras cantigas de roda** (gravadora MCD, 2008). Caso a escola possua condições, executar a canção para as crianças de todas as faixas etárias. A letra da canção é um pouco diferente na gravação de Hélio Ziskind; isso ocorre com grande parte das cantigas tradicionais, de autoria em geral anônima.

Passarás

Como brincar:

- Duas crianças escolhem, cada uma, uma fruta (laranja e maçã, por exemplo).
- Em seguida, elas ficam uma em frente a outra, com as mãos dadas e os braços levantados.
- As outras crianças fazem uma fila e, cantando, passam por baixo delas.
- A dupla deve abaixar os braços e prender uma das crianças que estará passando naquele momento e perguntar qual fruta ela prefere.
- Essa criança vai para trás de quem representa a fruta escolhida.

Passarás

Passarás, passarás
Mas algum há de ficar
se não for o da frente
tem que ser o de trás
o de trás, o de trás.

Domínio público.

Orientações didáticas

Entre os objetivos principais da brincadeira **passarás**, quando executada com crianças mais velhas (maiores de dois anos de idade, de preferência) são promover a socialização, o desenvolvimento motor e o contato físico entre elas, incentivar as primeiras noções de “organização” em uma brincadeira estruturada e incentivar a ajuda mútua, o respeito, o diálogo e a cooperação.

Essa brincadeira, quando realizada em sua forma tradicional, exige que duas das crianças permaneçam paradas em uma mesma posição e que as demais andem e cantem ao mesmo tempo e façam uma escolha ao chegar perto da dupla de crianças posicionadas de mãos dadas. Portanto, existe uma série de movimentos relativamente complexos que podem ser incentivados nas crianças maiores de dois anos de idade, em média, ou até mesmo nas que possuem um ano e meio.

Porém, é importante ficar atento para não criar expectativas muito altas em relação ao sucesso dessa brincadeira, pois, dependendo do desenvolvimento de cada criança, é possível que algumas ainda não tenham habilidades suficientes para realizar todas as etapas da brincadeira. Esse cenário é absolutamente comum e é preciso levar em conta, portanto, a diversidade e as diferenças entre as crianças.

Sugerimos, aqui, uma maneira de executar essa brincadeira com crianças pequenas: dois adultos devem ficar posicionados de mãos dadas, cada um deles tendo escolhido uma das frutas. Desse modo, as crianças passam por baixo do arco formado pelos braços dos adultos e a condução da brincadeira pode ser, em parte, organizada pelos adultos que farão, necessariamente, parte dela.

É importante levar em consideração que é possível executar somente a canção dessa brincadeira tradicional da região Nordeste entre os bebês menores de dois anos, incentivando a apreciação pela música e seu desenvolvimento musical.

Outras atividades que as crianças adoram nessa fase e que são importantes ao seu desenvolvimento: explorar cores e tamanhos dos objetos, brincar com instrumentos musicais, brincar ao ar livre, com caixas de areia ou mesmo com brinquedos infláveis, também gostam de puxar e empurrar objetos.

Lagarta pintada

A **Lagarta pintada** é uma brincadeira popular cantada em todo o Brasil, o modo de brincar e os gestos são basicamente os mesmos, mas há variações nos versos.

No Nordeste, os versos são estes:

Lagarta pintada

Lagarta pintada
Quem foi que pintou
Foi uma velhinha
Que aqui passou
No tempo da era
Fazia poeira
Puxa lagarta
Na ponta da orelha

Domínio público.

Como brincar:

- As crianças devem se sentar em roda e colocar as mãos ao centro.
- Elas cantam os versos da cantiga e vão tocando, com cuidado, uma a uma as orelhas das crianças que estão ao lado.
- Elas devem seguir cantando até que todas estejam segurando as orelhas de todas as crianças.

Orientações didáticas

Entre os objetivos principais dessa brincadeira de roda, em que a ideia é que as crianças permaneçam sentadas, estão o incentivo à socialização, a valorização da cooperação entre as crianças, a utilização da linguagem oral (já que a letra da canção pode “ditar” o ritmo da brincadeira), o incentivo ao desenvolvimento motor e a atitudes que promovam o respeito pelo outro. Vale lembrar que executar essa brincadeira em sua forma tradicional é algo mais vantajoso para as crianças entre dois anos de idade e três anos; para os bebês menores, vale a pena “testar” outras formas de brincar de **Lagarta pintada** sem criar expectativas e levando em consideração os diferentes momentos de desenvolvimento de cada criança.

Antes de iniciar essa brincadeira de roda, seja com as crianças maiores, seja com os bebês de até dois anos de idade, dizer às crianças que elas vão conhecer a letra e a melodia de uma cantiga muito importante para a cultura e o folclore da região Nordeste.

Depois de organizar as crianças maiores de dois anos de idade em uma roda, pode-se cantar a cantiga e explicar que elas vão, primeiro, brincar de deixar os braços esticados em direção ao centro da roda. Depois, em determinado momento (em “Puxa lagarta/Na ponta da orelha”), a criança encosta a mão na orelha da outra que está ao seu lado.

É válido lembrar que bebês e crianças menores de dois anos de idade podem, também, vivenciar a brincadeira, sendo incentivados a acompanhar a melodia com chocalhos, batendo palmas ou usando algum outro tipo de instrumento musical. Eles também podem ser incentivados a tocar a orelha um do outro; porém, é comum que, pelo menos até um ano de idade, algumas crianças ainda possam confundir as formas de interagir entre si. Pode ser que elas tenham uma tendência a morder, apertar ou machucar, pensando que, assim, estão simplesmente tocando ou “fazendo carinho”. Cabe ao professor avaliar as necessidades de suas turmas de bebês e incentivá-los a fazer gestos mais leves, que não tragam incômodo às outras crianças.

Muitos estudiosos e educadores consideram que até por volta dos três anos é comum que uma criança tenha a tendência de morder outras crianças ou adultos, seja para “fazer carinho”, seja para ter seu desejo atendido de maneira rápida.

Referências bibliográficas

- BARROS. Leandro Gomes. **A filha do pescador**. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn000010.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Alimentos regionais brasileiros**. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. Brasília, 2002. Disponível em: <http://189.28.128.100/nutricao/docs/geral/alimentos_regionais_brasileiros.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Cordel: a literatura além da diversão e informação**. Disponível em: <<http://culturaspopulares.cultura.gov.br/cordel-literatura-alem-da-diversao-e-informacao>>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- “CAI, Cai balão”: músicas juninas infantis para pular fogueira**. Catraquinha. 24 maio 2017. Manual de brincadeiras. Disponível em: <<https://catraquinha.catracalivre.com.br/geral/manual-de-brincadeiras/indicacao/cai-cai-balao-x-musicas-juninas-infantis-para-pular-fogueira>>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- DANTAS, Gisarla Pereira. **O brincar no desenvolvimento infantil**. São Paulo: Senac, 2017.
- GASPAR, Lúcia. **Xilogravura**. Fundação Joaquim Nabuco. Biblioteca Blanche Knopf, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=122%3Axilogravura&catid=57%3Aletra-x&Itemid=1>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- GIANNELLA JR., Fulvio. **Folclore Brasileiro**. São Paulo: Globo, 2006. Coleção Almanaque da Turma do Sítio.
- MARACATU. Disponível em: <<http://maracatu.org.br>>. Acesso em 23 jan. 2018.
- MAPA DO BRINCAR. Disponível em: <<http://mapadobrinicar.folha.com.br>>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- NO PASSO do frevo. **Carta capital**. 23 nov. 2013. Carta Educação. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/aulas/no-passo-da-sombrinha>>. Acessos em: 23 jan. 2018.
- QUAL é a origem da capoeira e quais são os golpes mais acrobáticos. **Superinteressante**. 30 out. 2016. Saúde. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/saude/qual-e-a-origem-da-capoeira-e-quais-os-golpes-mais-acrobaticos>>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- TERRITÓRIO DO BRINCAR. **Lagarta pintada**. 18 mar. 2014. Disponível em: <<http://territoriodobrinicar.com.br/brincadeiras/lagarta-pintada>>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- VAINSENCER, Semira Adler. **Folclore do Nordeste Brasileiro**. Fundação Joaquim Nabuco. Biblioteca Blanche Knopf, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=449>. Acesso em: 23 jan. 2018.